

# O DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS NO CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO

Antônio Germano Magalhães Júnior<sup>1</sup>

## RESUMO

*Nesse final de século a preocupação com o desenvolvimento dos recursos humanos vem gerando grandes discussões. O objetivo do nosso trabalho é indagar se a formação que os educandos estão adquirindo na rede de ensino brasileiro está contribuindo para o ingresso desse contingente no "novo" mercado de trabalho.*

## ABSTRACT

*Towards the end of that century concern with the development of human resources was a source of enormous discussion. The objective of this work is to examine the formation that students are receiving in the Brazilian educational system, and the manner in which it contributes to their entrance into the "new" labour force.*

## INTRODUÇÃO

Educadores, intelectuais e empresários estão preocupados com o futuro dos recursos humanos. A aceleração que vêm tomando as novas tecnologias, a rapidez com que se processam as mudanças de bens e a corrida pela competitividade de um mercado que se torna mais "global" a cada instante vêm caracterizando a necessidade de uma nova formação para o trabalhador do próximo milênio. Profissões desaparecem a cada instante devido ao processo de informatização e

robotização das empresas. Quando a necessidade vem daqueles que comandam as empresas, a coisa toma dimensões visíveis. Existe a necessidade de um trabalhador que se adapte facilmente às novas tecnologias e às formas organizacionais das empresas, que a cada momento desenvolvem estratégia de crescimento, procurando competir em um mercado em que qualquer erro pode ser fatal.

## AS EXIGÊNCIAS DO MERCADO DE TRABALHO

Quando falamos em profissionais vem logo à nossa imaginação a qualificação. Em entrevista ao jornal *O Povo*, Samuel Brasileiro Filho, diretor da Escola Técnica Federal do Ceará, afirma que "avalia-se que 70% das profissões hoje existentes terão desaparecido nos próximos cinco anos, substituídas por novas atividades produtivas"<sup>2</sup>. Estas transformações que estão se processando geram um conjunto de novas situações que exigem mudanças tanto na qualificação daqueles que irão ingressar no mercado de trabalho como nas leis trabalhistas, porque esse novo tipo de trabalhador possui um conjunto de características que requer transformações no sistema.

*As novas formas trabalhistas estão mudando também as relações trabalhistas e atropelando as leis do trabalho, que não vêm acompanhando as mudanças. Inúmeras modalidades de relação entre o capital e o trabalho estão surgindo, como a terceirização, o cooperativismo e o trabalhador autônomo vinculado à em-*

<sup>1</sup> Prof. Substituto - UECE - Departamento de História. Mestrando em Avaliação Educacional (UFC).

<sup>2</sup> Jornal *O Povo*. 20 de abril de 1997.

*presa, ao trabalho parcial, aos contratos temporários e aos bancos de horas. Mas sabemos que historicamente, a cada revolução tecnológica, desde a máquina a vapor, os impactos sobre empregos foram inevitáveis. A legislação trabalhista brasileira, com mais de 50 anos, ainda mantém como coluna mestra a dualidade - ser ou não empregado<sup>3</sup>. Para Offe a substituição do trabalho pela [...] ocupação na abordagem sociológica é o começo da desarticulação dessa categoria analítica da sua posição central nas sociedades capitalistas. Já Habermas aponta a transição de um paradigma do trabalho e da produção para o paradigma da comunicação, indicando que não seria mais possível pensar a sociedade capitalista através do trabalho e organização política dos trabalhadores e sim através de persuasão e comunicação<sup>4</sup>.*

Não é nosso objetivo aprofundar um questionamento sobre os problemas trabalhistas pelos quais passa o nosso País, mas devemos tecer alguns comentários sobre as formas de trabalho e produção as quais estão exigindo transformações na formação promovida

no ambiente escolar. O quadro abaixo traz algumas dessas novas formas de trabalho.

Podemos melhor entender, analisando o quadro, que as relações trabalhistas estão mudando. Sobre a problemática referida existem algumas considerações a serem feitas. "A construção da interpretação da crise do mundo do trabalho nos países desenvolvidos deixa claro para nós alguns pontos:

I. O Brasil é um país que não conseguiu construir uma sociedade de salário;

II. Não conseguiu então construir um sistema amplo de produção e benefícios sociais;

III. O trabalho não se constituiu como elemento central da cidadania social e econômica;

IV. A auto-ocupação, o trabalho autônomo, o informal e o trabalho eventual sempre tiveram um peso significativo na sociedade;

V. Assim, ao longo da consolidação do desenvolvimento industrial, conviveram formas seguras de trabalho com possibilidade de promoção, lado a lado com as mais diferentes e inseguras formas de trabalho, onde o comportamento do desemprego aberto nunca foi capaz de revelar a magnitude do mercado de trabalho;

VI. Ao longo de seu desenvolvimento, portanto, conviveu sempre com a forma de organização de sociedade que hoje surpreende o mundo desenvolvido, qual seja, de proliferação de atividades e ocupações *vis-à-vis* à participação do trabalho assalariado;

## AS NOVAS FORMAS DE TRABALHO E PRODUÇÃO

Terceirização - de empresa para empresa.	Trabalho parcial - aquele que é prestado durante algumas horas semanais, de acordo com a disponibilidade do trabalhador e a necessidade da empresa.
Cooperativismo vinculado - artesãos organizados em cooperativas, por empresa que fornece tecnologia, equipamentos e compra, com exclusividade, toda a produção.	Trabalhador causal - aquele que presta serviços, esporadicamente, a uma empresa sem vínculo empregatício.
Trabalho autônomo vinculado - outra forma de trabalho, também sem vínculo empregatício, em que os trabalhadores domésticos produzem materiais semi-elaborados que são adquiridos com exclusividade por empresas.	Contrato temporário de trabalho - condição em que o trabalhador tem vínculo empregatício com a empresa, assegurados os direitos trabalhistas e sociais, mas por um período pré-fixado.

Fonte: Jornal *O Povo*. 20 de abril de 1997.

<sup>3</sup> Jornal *O Povo*. 20 de abril de 1997.

<sup>4</sup> *Revista Proposta*. N.º 72, março/maio de 1997.

VII. A esse quadro geral de profunda diferenciação do mercado de trabalho e sociedade civil frágil, associam-se agora os ajustes destinados a preparar a isenção competitiva do País numa economia globalizada, com destaque para a reestruturação produtiva das empresas e abertura da economia.”<sup>4</sup>

## O PAPEL DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO DOS RECURSOS HUMANOS

Resta-nos indagar se a formação dos nossos educandos está facilitando o ingresso dos mesmos nesse novo mercado de trabalho. Primeiro devemos analisar quais são as exigências do mercado para estes novos tipos de relações trabalhistas. Do ponto de vista da qualificação, as empresas passam a buscar um perfil educacional para os trabalhadores que contemple uma boa formação básica. “As necessidades de envolvimento, participação, interferência nos processos de trabalho vão exigir que esse trabalhador vá além da compreensão das normas de produção inerentes ao fordismo”<sup>5</sup>. A “flexibilidade” então se constitui na possibilidade concreta de se lidar com a incerteza. O quadro abaixo vem trazendo uma comparação desse novo perfil de trabalhador com aquele que era exigido há algumas décadas.

O mundo do capital e trabalho está mudando e de forma rápida. O Brasil com o seu sistema de ensino com uma baixa qualidade, e não é preciso ser um grande especialista para comprovar esta afirmação, necessita redefinir suas estratégias de atuação, principalmente quando passando por uma transição em relação à legislação pertinente à educação, saindo da lei 5692/71 para a 9394/96. A nova lei já inicia seu mandato sofrendo acusações por todos os lados, como a do professor Pedro Demo relatando que:

*[...] já a LDB é uma lei pesada, que envolve muitos interesses orçamentários e interfere em instituições públicas e privadas de grande relevância nacional como as escolas e universidades. Não teria qualquer condição de passar com um texto avançado, no sentido de ser a lei dos sonhos do educador brasileiro. Como o Congresso Nacional é sobretudo pesado, as leis importantes não podem deixar de sair com a sua cara, e são, pelo menos em parte, também um pesado. Lei realmente boa só pode provir de um Congresso bom. Não é, obviamente, o nosso caso, pelo menos por enquanto*<sup>6</sup>.

Críticas à parte, devemos melhor analisar o que está contido na atual legislação, em relação ao preparo para o

Diferenças nas Habilidades Exigidas	
Antigo Paradigma.	Novos Paradigmas.
Trabalho como custo variável.	Trabalho como capital humano.
O mercado treina.	Intenso treinamento e retreinamento in-house.
Função única e relação fixa com o equipamento.	Multifuncionalidade e necessidade de conhecer o processo em detalhes.
Disciplina - característica principal.	Flexibilidade, solução crítica e cooperação.

Fonte: Revista Proposta. N.º 72, março/maio de 1997.

<sup>5</sup> Revista Proposta. N.º 72, março/maio de 1997.

<sup>6</sup> Demo, Pedro. *A nova LDB: ranços e avanços*. 1997, p. 10.

exercício do trabalho, para poder confrontar com as exigências do processo econômico que estamos vivendo. A educação não deve estar sujeita apenas ao mercado de trabalho, agindo somente como “formadora” de mão-de-obra; entretanto deve servir, também, para preparar o ser humano no intuito de promover-lhe condições de satisfazer suas necessidades profissionais.

O contexto mundial que se apresenta nesse fim de século traz a bandeira das novas tecnologias. Quem não acompanha esse carro tende fatalmente a ser ultrapassado pelos que a cada dia investem nessa área de qualificação. Mas qualificar pessoal e produzir novas tecnologias não é coisa barata, principalmente em um País como o nosso que não tem tradição nesse campo. Então nos vem a pergunta: como qualificar os nossos profissionais em um mercado tão exigente e dinâmico? As possíveis soluções nos são apresentadas conduzindo a diversos caminhos. Se tentarmos produzir tecnologia e qualificar pessoal, levaremos tempo, coisa que o mercado concorrente não permite, e gastaríamos muitos recursos, coisa que hoje está muito escassa em nosso País. Uma saída, apresentada por um país do outro lado do mundo, que hoje é sinal de qualidade produtiva e sinônimo de tecnologia de primeira linha, vem do Japão.

*Logo em seguida à restauração da dinastia Meiji, em meados do século passado, o Japão implementa a decisão de abrir sua economia para o exterior, entre outras medidas, através do envio em grande escala de japoneses para estudar fora. O envio de milhares de japoneses para a Europa e Estados Unidos foi um dos elementos-chave na grande revolução econômica que se seguiu.*

*Segundo o governo japonês, no ano de 1987, 54.484 japoneses foram estudar no exterior. Note-se também que o soerguimento da ciência alemã teve como um dos seus mais poderosos instrumentos o envio de estudantes para fazer pós-graduação nos Estados Unidos<sup>7</sup>.*

A idéia de incorporar modelos estrangeiros na esperança que eles vão trazer os mesmos resultados que tiveram em seus países de origem já demonstrou que não surte os efeitos esperados, mas podemos aprender com os erros e os acertos dos outros sem ter que repeti-

<sup>7</sup> Castro, Claudio de Moura. *Educação brasileira: concertos e remendos*. 1994, p. 108.

los. Na atual realidade brasileira temos que desenvolver mecanismos que facilitem a vinda de novas e modernas tecnologias com um custo operacional baixo e a saída poderia estar em trazê-las através de estudantes que, entrando em contato com novas realidades, armazenem informações e as desenvolvam, realizando as devidas adaptações em nosso País. Parece filme de espionagem daqueles do auge da guerra fria, mas é a tática utilizada pelos grandes. Se não a seguirmos ficaremos para trás. “Na verdade, dentre as maneiras de se transportar tecnologia, a ‘mais portátil’ é transportar na memória das pessoas. Portanto, ir estudar no exterior é uma das formas mais convincentes de se transferir tecnologia”<sup>8</sup>. Existem outras formas de desenvolver qualidade. Sabemos que não adianta investir na qualificação de um professor, financiando sua ida para o exterior, se, quando o mesmo voltar, ficar ganhando um mísero salário. Qualidade requer toda uma política de incentivos, porque passar de dois a quatro anos estudando em um país estrangeiro, tendo que superar todos os inconvenientes que esta situação impõe, partindo do princípio que não se faz isso por puro turismo, requer determinação e incentivo. Um dos cursos que tirou AAA no “provão”, ou seja, nota 10, foi o ITA, que formou grande parte de seu grupo de trabalho no exterior.

## **ALGUMAS CONCLUSÕES SOBRE O TEMA**

O professor Claudio de Moura Castro nos menciona alguns pontos sobre os assuntos tratados acima que merecem ser relatados<sup>9</sup>.

\* Há ampla evidência de que o envio de estudantes ao exterior tem revelado um dos melhores investimentos em transferência de tecnologia. Tendo em vista os resultados observados, os custos são modestíssimos.

\* São mais do que justificados gastos muito maiores do que os que até hoje fizemos.

\* Nossos programas de envio de pessoal ao exterior funcionaram bastante bem, razão pela qual está na hora de passar para outras etapas.

<sup>8</sup> Castro, Claudio de Moura. *Educação brasileira: concertos e remendos*. 1994, p. 107.

<sup>9</sup> Castro, Claudio de Moura. *Educação brasileira: concertos e remendos*. 1994, p. 119.

\* É preciso ampliar os perfis dos bolsistas, reduzindo a concentração nos doutorados e aumentando em outros níveis, incluindo a graduação e estágios em empresas.

\* A fim de privilegiar a transferência de tecnologia industrial, deverá ser expandido o envio de técnicos que estão trabalhando nas indústrias.

Podemos assim concluir que existe uma demanda, por parte do mercado de trabalho, de trabalhadores com uma qualificação bastante eclética, e que o sistema escolar deve ajudar a prepará-los. Formar para exercer uma cidadania representa também educar para o trabalho.

## BIBLIOGRAFIA

- CARLEIAL, Liana Maria de Frota. *Revista Proposta*. N.º 72, março/maio de 1997.
- CASTRO, Cláudio de Moura - *Educação brasileira: concertos e remendos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DEMO, Pedro. *Desafios modernos da educação*. 3. ed. São Paulo: Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A nova LDB: ranços e avanços*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.
- GIBSON ANTUNES. O trabalhador do século XXI. *O Povo*/Fortaleza-CE: Editoria de Economia, domingo, p.6. E- 02.04.1997.
- MACHADO, Nilson José. *Epistemologia e didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.